



LITERATURA INFANTIL: SAINDO DO COMUM – DISCUTINDO AS POSSIBILIDADES DE UM TRABALHO PAUTADO NAS RELAÇÕES DE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL

Márcio de Oliveira

Eliane Rose Maio

RESUMO

A Literatura Infantil é muito rica em suas histórias, imagens, leituras. Sua utilização é comum em grande parte das escolas com as turmas de alfabetização e no Ensino Fundamental. Neste sentido, nos propomos a fazer uma análise acerca das possibilidades que a Literatura Infantil pode apresentar na desconstrução de estereótipos que são apresentados a muitas crianças no sistema educacional. Defendemos que a maioria da Literatura Infantil apresenta algum tipo de padronização do comportamento humano, o que não é adequado para uma criança, visto que vivemos em uma sociedade pluralista. Nosso objetivo também está em apresentar histórias que servem como suporte para o trabalho com a diversidade. Baseamo-nos nos Estudos Culturais, de Gênero e nos pressupostos foucaultianos. Com este estudo, percebemos que algumas histórias oferecem ideias interessantes para a prática docente, dentre elas, a questão de que as pessoas são, sim, diferentes e que isso não é problema. Ressaltamos que um bom trabalho com a diversidade pode fazer com que a formação dos/as alunos/as seja uma formação de respeito e acolhimento.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Estereótipos. Padronização.

1. INTRODUÇÃO

O tema da Literatura Infantil vem sendo muito bem discutido no cenário acadêmico nestes últimos tempos. A título de exemplificação, podemos citar Xavier Filha (2011), Oliveira, Pastana e Maia (2011), Klein (2010), dentre outros/as que dedicam grande parte do seu tempo estudando este material tão importante e tão utilizado por professores/as no processo de formação de uma criança.

Neste sentido, realizamos algumas discussões que envolvem a Literatura Infantil, bem como a desconstrução de estereótipos que é possível se fazer com o uso deste material. Pretendemos apontar que é possível apresentar às crianças a pluralidade da nossa sociedade, utilizando algumas histórias escritas, dirigidas ao público infantil.

Para atingirmos nossos objetivos, vamos traçar um caminho perpassando pelos seguintes assuntos: Literatura Infantil; algumas histórias possíveis de serem trabalhadas com crianças a fim de que mostrar a pluralidade; práticas de trabalho que visam à quebra de estereótipos (entendidos como padronizações). Ao final, apontaremos algumas considerações, não com o intuito de encerrar ou esgotar o assunto, mas instigar à busca por mais conhecimento dentro dessa área de estudos.

2. LITERATURA INFANTIL: CARACTERIZAÇÃO

Antes de escrevermos acerca da Literatura Infantil, acreditamos ser interessante colocarmos o que entendemos como Literatura. Compartilhamos das ideias de Souza (2010, p. 09) quando aponta que

literatura é, antes de tudo, engenharia de palavras. [...] Ela nasce da necessidade de os homens, desde as origens, registrarem e compartilharem suas experiências, fantasias e, mais do que isso, valores e ensinamentos, transmitindo-os para as gerações vindouras.

Desta forma, entendemos que a Literatura não é algo que surge nos dias de hoje. Mas, é um material riquíssimo que nasceu há muito tempo, com o objetivo de comunhão, no sentido da palavra: tornar comum, ou seja, a Literatura serviu, e ainda serve, para socializar com as futuras gerações os seus valores, ensinamentos e conhecimentos. Vale ressaltar, também, que para Souza (2010), a Literatura surgiu muito antes dos códigos escritos serem desenvolvidos. Deste modo, esse gênero surge por meio dos contos orais. Souza (2010, p. 09) discute que “a literatura existiu antes mesmo da invenção dos códigos escritos, quando os homens só possuíam o recurso da oralidade para estabelecer comunicação [...] uns com os outros”, assim, podemos inferir que a Literatura começou, primeiramente, com as ações verbais para depois apresentar um caráter escrito.

Compactuamos com Cadermatori (1986, p. 21), ao afirmar que “quando se fala em literatura infantil, através do adjetivo, particulariza-se a questão dessa literatura em função do destinatário estipulado: a criança”. Assim, concordamos com sua colocação, pelo fato de entendermos a Literatura Infantil como um material destinado às crianças, ou seja, é algo escrito para as crianças e lido por elas também (mesmo sabendo que alguns/mas adultos/as também leem esse tipo de material).

Entendemos que para que exista Literatura Infantil, deve existir o conceito de infantilidade ou de infância. Esse último conceito é bastante debatido por Ariès (1978) quando traçou, em seu livro intitulado *História Social da Criança e da Família*, um perfil das particularidades da infância a partir do século XII, no que diz respeito ao sentimento sobre a infância e seu comportamento no meio social da época¹.

A respeito do “surgimento” da Literatura Infantil, Zilberman (1985, p. 98) aponta que a mesma “expande-se como gênero literário a partir do momento em que a infância passa a ser considerada não apenas uma faixa etária diferenciada”, ainda afirma que a Literatura Infantil surge quando a infância passa a ser considerada “um período da existência com características singulares, que requer cuidados especiais e atendimento particularizado” (*idem*). Interessante ressaltar que esse período ao qual Zilberman (1985, p. 98) se refere “não transcorreu antes do século 18, na Europa e do século 20, no Brasil”.

A mesma autora ainda aponta três características que considera integradas à Literatura Infantil (chamada de Literatura Infanto-Juvenil pela autora). São elas:

- (a) ela não pode prescindir de um destinatário particular, a criança, já que aparece no horizonte literário para atender a demanda específica deste novo público;
- (b) vinculada, desde o início, ao sistema escolar, atua como um reforço deste, de modo que se dobra aos interesses da pedagogia e confunde-se com a função educativa que lhe é tributada;
- (c) como sua expansão acompanha o crescimento de seu público, não foge às regras do mercado, arriscando-se a ser completamente assimilada à indústria cultural e às modalidades da cultura massificada (ZILBERMAN, 1985, p. 98-99).

Podemos, então, destacar três características que julgamos principais quando o assunto é a Literatura Infantil: a relação com a criança; a relação com a Pedagogia; sua adaptação às regras de mercado, pois a modalidade de Literatura Infantil surgiu, também, com o advento do Capitalismo, no intuito de vender esse material à classe das crianças, que podem ser vistas como fortes consumidoras. Neste sentido, vale nos lembrarmos de Souza (2010) que afirma que a Literatura Infantil surgiu direcionada às crianças burguesas, com o advento do Capitalismo, adquirindo novas formas e novas características para atender esse público.

¹ Não é o objetivo principal discutirmos o conceito de infância neste ensaio, porém, torna-se interessante – para um melhor entendimento da Literatura Infantil – a leitura da obra de Philippe Ariès (1978).

3. UM OLHAR SOBRE PRECONCEITOS A PARTIR DE HISTÓRIAS

Existem inúmeras histórias clássicas dentro da Literatura Infantil que vêm sendo utilizadas por professores/as dentro da sala de aula a fim de subsidiar os trabalhos pedagógicos. Alguns exemplos dessas histórias são: *Branca de Neve e os Sete Anões* (GRISOLINA, 2000a); *Cinderela* (GRISOLINA, 2000b); *A Bela e a Fera* (GRISOLINA, 2000c); *A Bela Adormecida* (HOLLIDAY, 2012). Embora esses exemplos não sejam dos/as autores/as principais, essas adaptações que utilizamos trazem as mesmas histórias dos contos tradicionais.

As histórias acima mostram, grosso modo, práticas sociais que já podem ser consideradas ultrapassadas. Nelas são apresentados papéis de homens e mulheres os quais se mostram como parte da nossa sociedade e não totalidade (esses papéis de gênero apresentam o homem com um ser sempre forte, bravo, valente, viril; já a mulher é apresentada como frágil, submissa, sem vontades próprias).

O que queremos enfatizar é que a nossa sociedade se modificou, porém, alguns materiais utilizados dentro das escolas ainda não mudaram. Analisando os contos apresentados, vamos perceber que em todos eles é colocado o amor romântico² e o casamento como sinônimo de felicidade. Neste sentido, as histórias também apresentam a necessidade de se casar – casamento sempre heterossexual – para que se atinja a felicidade. A título de exemplo, percebamos o que uma das histórias apresenta: “Poucos dias depois os dois [o príncipe e a princesa] se **casaram**. Cinderela provou que era **tão boa quanto bonita**. Pouco depois, ela levou as irmãs para o palácio e **casou** as duas com dois fidalgos” (GRISOLIA, 2000b, p. 24, grifos nossos). É perceptível também a ênfase em a mulher sempre se preocupar em “ser bonita” (poderíamos discutir os padrões de beleza, porém preferimos deixar tal discussão para um próximo artigo) para a apreciação e aprovação do homem.

Nossa preocupação em torno do estudo sobre a Literatura Infantil se dá por conta que esta dita normas e apresenta modelos que muitas vezes são seguidos pelos alunos e alunas que se encontram na escola. Neste sentido, pensamos da mesma forma que Rosemberg (1975, p. 139), quando afirma que

se admitirmos o postulado da influência da leitura nos comportamentos, a literatura infanto-juvenil, através de seu conteúdo, está, pelo menos, reforçando padrões inadaptados de papéis sexuais. Apresentando

² O amor romântico começou “a marcar a sua presença a partir do final do século XVIII”, ele “é um processo de atração por alguém que pode tornar a vida de outro alguém, digamos assim, “completa”” (GIDDENS, 1993, p. 50-51). Assim, utilizamos o termo amor romântico no sentido de que uma pessoa só se sente completa ao viver com outra pessoa, como se isso fosse uma máxima social.

estereótipos, e não realidade vivida, voltada para o passado, e não para o futuro.

Propomos, então, o trabalho com algumas histórias que foram criadas com o intuito de fazer as pessoas entenderem, discutirem e analisarem sobre as padronizações instauradas em nossa sociedade.

Alguns exemplos de livros da Literatura Infantil que achamos interessante mencionarmos aqui são: “Até as Princesas Soltam Pum” de Ilan Brenman e Ionit Zilberman (2008); “A Princesa Sabichona” de Babette Cole (2004); “Menino Brinca de Boneca?” de Marcos Ribeiro (2011); “Ceci tem Pipi?” de Thierry Lenain (2004); “Príncipe Cinderelo” de Babette Cole (2000) e “Por que Meninos Têm Pés Grandes e Meninas Têm Pés Pequenos?” de Sandra Branco (2010). Interessante lembrarmos que a Literatura que trabalha com questões sexuais e de gênero – de forma que achamos mais acolhedora e emancipatória – não se limita a esses livros que estamos apresentando, visto que existem outros/as autores/as que se preocupam com o tema em questão.

As histórias apresentadas acima demonstram conteúdos interessantes a fim de destacar a pluralidade encontrada em nossa sociedade. Desta forma, na próxima seção, discutimos alguns pontos importantes para o trabalho de desconstrução das normas e padrões impostos pela sociedade em que vivemos.

4. DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS

Muitas são as padronizações e normas que a sociedade impõe às pessoas, deixando evidente que caso fujam “às regras”, quem o fizer será punido/a de inúmeras maneiras, e uma dessas maneiras é a discriminação. Porém, alguns pensamentos nos são válidos: será que todos/as temos que ser iguais? A diferença entre as pessoas deve mesmo ser ridicularizada? Pensamos que todo tipo de convivência é válido, desde que não faça mal a ninguém, ou seja, uma pessoa não querer se casar, por exemplo, não vai influenciar na vida de ninguém, logo, por que essa pessoa é mal vista perante a sociedade? Partindo disso, apresentamos algumas reflexões que podem ser feitas por meio do material que apresentamos anteriormente – as histórias infantis.

Acreditamos ser interessante, antes de darmos sequência, apresentarmos o que entendemos como Gênero. Assim, vamos nos utilizar de Furlani (2011, p. 59-60) quando escreve que

- a) entende gênero como estudos relacionados a homens e mulheres, masculinidades e feminilidades;
- b) rejeitará o determinismo biológico e concederá ênfase cultural na distinção entre os “sexos”, as “sexualidades”, as “raças”, as “etnias”;
- c) [...]
- d) apontará para o caráter relacional e binário entre o masculino e o feminino, entre os homens e as mulheres num processo de construção social que é recíproco, excludente e assimétrico;
- e) questionará o caráter universalizante das explicações ancoradas no determinismo biológico. As condições históricas e culturais de cada sociedade passam a ser determinantes na construção do gênero.

Assim, podemos entender que Gênero são as relações entre o masculino e o feminino, e estas características são construídas social e culturalmente, sendo entendidas como mutáveis e não estáveis. Nesse sentido, as relações entre homens e mulheres nem sempre são iguais em todo tempo e espaço.

Neste momento, vamos discutir sobre alguns possíveis trabalhos com alunos/as da Educação Infantil e Ensino Fundamental, a fim de desconstruir conceitos que são postos como fixos pela sociedade em que vivemos. Queremos, então, apresentar possíveis discussões e análises que podem ser realizadas por professores/as com o intuito de proporcionar uma formação mais pluralista às crianças.

Na história “A Princesa Sabichona” (COLE, 1998) é possível realizar um trabalho acerca do amor romântico e do casamento como única fonte de felicidade entre as pessoas. Na história, a princesa não se casa e vive feliz “para sempre”. Da mesma forma, existem pessoas que não têm vontade de constituir um casamento, e nem por isso devem ser excluídas da sociedade ou vistas como pessoas diferentes. Simplesmente não querem casar-se.

Outro livro que apresentamos, chamado “Menino Brinca de Boneca?” (RIBEIRO, 2011), apresenta inúmeros temas que podem ser discutidos. Com ele, é possível discutir as formas que meninos e meninas são ensinados/as a se comportarem até o desenvolvimento de suas condutas enquanto adultos/as. A história nos apresenta que não existe “problema” em menino ou menina brincar de boneca ou bola, desta forma, é plausível que seja revisto o que a sociedade impõe sobre os brinquedos dos meninos e das meninas. Cientificamente não existe essa “crendice” de que determinado brinquedo é de menino ou outro é de menina. Meninos e

meninas podem e devem brincar com o que lhe chamarem a atenção, sem medo, sem receio, sem estranheza.

No livro “Ceci Tem Pipi” (LENAIN, 2004) é possível realizar um trabalho com discussões sobre as características de meninos e meninas. Nesse sentido, é interessante salientar que as atividades realizadas pelas pessoas não devem estar atreladas aos órgãos sexuais que cada uma dessas pessoas possui, ou seja, independe de se ter pênis ou vulva, cada um/uma realiza as atividades que se sentir bem.

Com a história “Príncipe Cinderelo” (COLE, 2000) se torna interessante discutir o papel social dos gêneros. Geralmente nas histórias o príncipe é quem toma as atitudes a fim de encontrar o amor da sua vida, porém nesta narrativa o enredo é outro: a princesa toma a iniciativa em procurar o seu príncipe. Embora o conto também demonstre a questão do amor romântico e o casamento como fonte de felicidade para todos/as, é conveniente o trabalho acerca de quebrar o mito de que a mulher tem que sempre ser passiva à espera de alguém, e esse alguém é um homem. Aqui é colocado que o homem pode ser escolhido por uma mulher e que esse fato não o torna menos homem e nem deixa a mulher menos mulher.

Embora não analisaremos todos os livros apresentados, queremos destacar que a formação das crianças deve sempre ser pautada em ideias de respeito e de convivência com as diferenças. Vivemos em uma sociedade multifacetada, plural, diversificada, logo, temos que saber que em todos os lugares que estivermos, sempre haverá pessoas diferentes de nós, e que isso não é motivo para que haja discriminação.

Somos uma sociedade que discute muito sobre sexo, sexualidade e suas vertentes, porém, as discussões que se apresentam são, muitas vezes, – na maioria delas – munidas de preconceito, repressão, desconhecimento. Sobre os discursos acerca da sexualidade, Foucault (1998) afirma que a nossa sociedade talvez seja a que mais falou e fala sobre sexo. Nas palavras do autor, temos que “talvez nenhum outro tipo de sociedade jamais tenha acumulado, e num período histórico relativamente tão curto, tal quantidade de discurso sobre o sexo. Pode ser que falemos mais dele do que de qualquer outra coisa: obstinamo-nos nessa tarefa” (p. 39). Podemos, então, analisar que o discurso foi construído, porém, ainda há insegurança e falta de conhecimento para debater o assunto.

O tema sexualidade, por exemplo, é proposto em documentos da Educação, como nos PCN (BRASIL, 1997), em nível nacional e nas Diretrizes Curriculares de Gênero e Diversidade Sexual da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (PARANÁ, 2010), no referido Estado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber, com a pesquisa bibliográfica realizada, que a Literatura Infantil está presente em várias das atividades dentro das instituições escolares. Professores e professoras se utilizam desse tipo de material para desenvolver práticas necessárias nas escolas.

Grande parte da Literatura se apresenta de forma ultrapassada, trazendo em seu conteúdo visões estereotipadas e com uma gama muito grande de preconceitos. É perceptível, nos contos clássicos, tentativas de normalização, defendendo que a mulher deve sempre ser submissa e o homem deve sempre ser o ser atuante, ativo, que manda e tem poder. O casamento é a única fonte de alegria na vida de duas pessoas, bem como não existem pessoas homossexuais nestes contos.

Importante ressaltar que é necessário que o/a professor/a tome conhecimento do conteúdo que está ensinando em sala de aula. Este é o primeiro passo para este trabalho de quebra de estereótipos: reconhecimento do conteúdo. Feito isso, é interessante que este/ta professor/a busque novos materiais, que contemplem a realidade vivida hoje em dia em nossa sociedade, com sua pluralidade, diversidade, diferenças. Neste sentido, concordamos com César Nunes e Edna Silva (2006, p. 71) quando colocam que “uma educação sexual emancipatória busca identificar os estereótipos sexuais e questionar seus fundamentos e representações”. Logo, o trabalho do/a professor/a é sempre o de buscar questionamentos e discussões sobre os assuntos que são discutidos em sala de aula.

Salientamos, ainda, que toda forma de preconceito e discriminação, bem como falta de respeito, deve ser retirada dos discursos, das práticas, e em todas as relações com as pessoas, seja dentro ou fora das escolas. Às vezes, sem perceber, nos mostramos preconceituosos/as. Muitas vezes, nos vemos receosos/as de permanecer diante do/a outro/a, nossos preconceitos ficam visíveis quando disparamos nossas teorias munidas de discriminação sem o cuidado de observar que elas podem ferir algumas pessoas rotuladas como diferentes.

REFERÊNCIAS

BRANCO, Sandra. **Por Que Meninos Têm Pés Grandes e Meninas Têm Pés Pequenos?** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** pluralidade cultural, orientação sexual. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRENMAN, Ilan; ZILBERMAN, Ionit. **Até as Princesas Soltam Pum.** São Paulo: Brinque-Book, 2008.

COLE, Babette. **A Princesa Sabichona.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

COLE, Babette. **Príncipe Cinderele.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I:** a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FURLANI, Jimena. **Educação Sexual na Sala de Aula:** Relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade:** Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GRISOLINA, Dulcy. **Branca de Neve e os Sete Anões.** Coleção Contos Clássicos. São Paulo: FTD, 2000a.

GRISOLINA, Dulcy. **Cinderela.** Coleção Contos Clássicos. São Paulo: FTD, 2000b.

GRISOLINA, Dulcy. **A Bela e a Fera.** Coleção Contos Clássicos. São Paulo: FTD, 2000c.

HOLLIDAY, Liz. **A Bela Adormecida.** Coleção Ler é Fácil 02. Barueri, SP: Girassol, 2012.

KLEIN, Madalena. Literatura infantil e produção de sentidos sobre as diferenças: práticas discursivas nas histórias infantis e nos espaços escolares. **Pro-Posições**, Campinas, v. 21, n. 1 (61), jan/abr, 2010, p. 179-195.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira:** História & Histórias. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

LENAIN, Thierry. **Ceci Tem Pipi?** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2004.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil.** 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

NUNES, César.; SILVA, Edna. **A Educação Sexual da Criança:** subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

OLIVEIRA, Amanda Guedes de Oliveira; PASTANA, Marcela; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Padrões normativos de gênero em livros infanto-juvenis sobre educação sexual. **Revista de Psicologia da UNESP**. 10 (2), 2011, p. 80-90.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares de Gênero e Diversidade Sexual da Secretaria de Estado da Educação do Paraná**. Curitiba/PR: SEED, 2010. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/dce_diversidade.pdf>. Acesso em: 08 mai. 2013.

RIBEIRO, Marcos. **Menino Brinca de Boneca?** 3. ed. rev. e reform. São Paulo: Moderna, 2011.

SOUZA, Ana A. Arguelho. **Literatura Infantil na escola**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

XAVIER FILHA, Constantina Xavier. Era Uma Vez Uma Princesa e Um Príncipe...: representações de gênero nas narrativas de crianças. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19 (2), mai/ago, 2011, p. 591-603.

ZILBERMAN, Regina. Introduzindo a Literatura Infanto-Juvenil. **Perspectiva**. R. Ced. Florianópolis, 1 (4), jan/dez. 1985, p. 98-102.